

## Ética/ Filosofia/ Poesia

A linguagem não é mero veículo estético: devolve-nos à urgência da consciência.

Há espaço-território, onde a poesia se confunde com a ética. Ecoa nele a ancestralidade do rito e da palavra como acto de resistência.

Tal como tu, Torga,

“Livre não sou, que nem a própria vida

Mo consente.

Mas a minha aguerrida

Teimosia

É quebrar dia a dia

Um grilhão da corrente.

Livre não sou, mas quero a liberdade.

Trago-a dentro de mim como um destino.

[...]”<sup>1</sup>

Aprendi contigo, Virgílio Ferreira, que

“A filosofia não é um meio de descobrir a verdade. Mas é, como a arte, um processo de a ‘criar.’”<sup>2</sup>

Tens razão, Popper:

“Posso estar enganado e tu certo, mas, pelo esforço, podemos aproximar-nos da verdade.”<sup>3</sup>

No **Dia Mundial da Filosofia**, nos **500 anos do nascimento de Camões**, e porque o tema da *mudança* não é de todo alheio à Filosofia:

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
muda-se o ser, muda-se a confiança;  
todo o Mundo é composto de mudança,  
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
diferentes em tudo da esperança;  
do mal ficam as mágoas na lembrança,  
e do bem (se algum houve), as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
que já coberto foi de neve fria,  
e, enfim, converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
outra mudança faz de mor espanto,  
que não se muda já como soía.”<sup>4</sup>

Nos **10 anos do Fórum de Ética**, importa dizer que *Ética* é conceito sem fundo, oceano sem margens. Esconde à superfície e na concisão das sílabas a complexidade e a profundidade. Não é conceito de lapela, maquilhagem ou luxo para exibição. É necessidade vital, caminho por dentro e para dentro, desenhado contra o pano de fundo de um tempo anestésico. Não é abstração filosófica. Interroga os *porquês* e os *comos*. Irmã-gêmea do melhor da utopia, vai além do obrigatório, aproxima-se da justiça, da integridade, do que é substancialmente humano. Os poetas vêem o que ainda não se vê nas coisas visíveis; vêem o que é invisível no que se vê. Apontam, sinalizam. Sim, estou a ouvir-te, Sebastião da Gama:

“Pelo Sonho é que vamos,  
comovidos e mudos.  
Chegamos? Não chegamos?  
Haja ou não haja frutos,  
pelo sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos,  
Basta a esperança naquilo  
que talvez não teremos.  
Basta que a alma demos,  
com a mesma alegria,  
ao que desconhecemos  
e do que é do dia-a-dia.

Chegamos? Não chegamos?  
– Partimos. Vamos. Somos.”<sup>5</sup>

- 1 Miguel Torga, *Poesia Completa*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 377.
- 2 Virgílio Ferreira, *Pensar*. 4.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Bertrand, 1993, 628, p. 349.
- 3 Karl R. Popper, *O Mito do Contexto: Em defesa da ciência e da racionalidade*. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 15.
- 4 Luís de Camões, *Lírica (Terceiro volume das Obras Completas): Sonetos*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, 24, p. 164.
- 5 Sebastião da Gama, *O Inquieto Verbo do Mar: Poesia reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2024, p. 361.

HENRIQUE MANUEL PEREIRA



CATÓLICA  
CATÓLICA PORTO BUSINESS SCHOOL

PORTO



FÓRUM DE ÉTICA  
CATÓLICA PORTO  
BUSINESS SCHOOL

10  
ANOS



20 Nov. 2025